

CUIDADO DE SI E ESCOLHA ÉTICA EM MARCO AURÉLIO

Rachel Gazolla*

SÍNTESE – Este estudo visa expor duas noções básicas do pensamento do estóico Marco Aurélio que nos falam ainda de perto na modernidade: o pertencimento a si mesmo e o cuidado de si. Elas estão intimamente relacionadas com a *phýsis* e a Ética estóicas. Pretende-se mostrar o aparente paradoxo da afirmação estóica sobre nossas ações éticas fundarem-se na determinação cósmica, ao mesmo tempo em que há uma abertura possível para deliberar particularmente a partir desta determinação universal.

PALAVRAS-CHAVE – Marco Aurélio. Ética estóica. Determinação cósmica.

ABSTRACT – The paper discusses two fundamental notions in Marcus Aurelius's work which are still important to modern thought: belonging to oneself and self-care. They are closely related to Stoic *phýsis* and ethics. We aim at exposing the apparent paradox in the Stoic claim that ethical acts are grounded on cosmic determination, even though there is also room for individual deliberation on the basis of such a universal determination.

KEY WORDS – Marcus Aurelius. Stoic ethics. Cosmic determination.

1 O imperador-filósofo

Diz Marco Aurélio nos seus escritos designados *Tà eis eautón* (*Coisas para si mesmo* ou *Pensamentos*) livro IV, 3: “[...] por bom desfrute (*eumáreian*) quero dizer nada mais que boa *ordenação* (*eukosmían*).” Nesta afirmação está presente o íntimo laço entre o homem e o cosmos entendido como ordenação perfeita a seguir. Os princípios estóicos foram vividos por esse filósofo do século II d.C. ‘estoicamente’ ao aceitar as exigências da corte romana que o queria imperador e guerreiro, apesar de preferir, como ele mesmo confessa inúmeras vezes, a Filosofia. São dois Marco Aurélio? há um homem exterior e outro interior? Sabe-se que, desde jovem, apesar do gosto por exercícios físicos, não tinha maiores pretensões ao poder, mas a vida lhe reservou o maior cargo que um romano poderia almejar.

* Doutora. Professora da PUCSP.

Como imperador e guerreiro, tinha o hábito de fazer anotações entre um dever oficial e outro e nos intervalos entre as lutas, sendo possível ao leitor recolher, nesses escritos, seu pensamento criterioso quando diante dos acontecimentos e da necessidade de escolhas. Trata Marco Aurélio de uma “arte de viver” fundada nos princípios do antigo Pórtico. Parece-me frutífero para nossos dias investigar a questão da escolha moral como nos legou Marco Aurélio. Escolher moralmente tem, para os estoicos, relação com duas noções: de *oikeíosis* (apropriação de si) e de *epiméleia* (cuidado de si). Elas esclarecem a possibilidade de haver a “escolha ética”, expressão usual em nossos dias, porém pouco pensada. A Stoa continua sendo um solo rico para aprofundar a nossa cambaleante noção de individualidade. A apropriação de si ou *oikeíosis* é algo que os seres vivos têm por natureza, é o pertencimento a si mesmo desde o nascimento e diz respeito à própria preservação. A *oikeíosis* não é adquirida pela via da educação, das normas, da historicidade, mas é intrínseca ao vivente, por princípio. Hoje, diríamos que é uma espécie de amor que temos a nós mesmos e que nos leva ao caminho da sobrevivência.

No entanto, a apropriação de si é mais do que isso se atentarmos ao fato de que, devido a ela, e sendo animais lógicos também segundo a *phýsis*, nossas representações (*phantasíai*), dizem os estoicos, têm fundamento natural. A partir desta naturalidade garantidora do conhecimento que primariamente nos chega, exercitamos o poder de julgar secundariamente, que é o suporte da escolha moral. Esta depende do primeiro degrau natural nomeado apropriação de si, ou *oikeíosis*, e também das *prolépseis*, ou apreensões comuns, naturais a todos os homens. Conforme noticiam Aécio e Diogenes Laertius, respectivamente:¹

(a) “[...] O *lógos* segundo o qual somos ditos *logikoi* constitui-se a partir das *prolépseis* [...]”; (b) “[...] Das noções (*ennoíai*), umas se produzem naturalmente [...] outras a partir de nossos aprendizados e diligências. Estas são nomeadas simplesmente *noções* (*ennoíai*), aquelas, apreensões (*prolépseis*) [...]”.

Pelo recolhimento de inúmeros fragmentos, sabe-se que a *phýsis* estoica é ser vivente com *lógos*, é ordenação una, perfeita, normatizada, é uma rede de causas e efeitos ininterrupta e necessária nomeada *Heimarméne* (Destino). É vir a ser constante e sempre em ato, no sentindo do que está em trabalho (*en-érgeia*) completando-se a si mesmo (*en-telécheia*). A plenitude da *phýsis* afasta o eventual, de modo que a Necessidade (*Anánke*) exclui acasos. É também divina e corpórea, sendo o corpo (*sóma*) na definição estoica “tudo o que age e padece”. Tudo o que é, assim é em conformidade com *lógos* universal, outro nome para a própria articulação normativa da tessitura cósmica. Essa natureza apresenta-se enquanto *nómos* e *lógos* ao mesmo tempo, Necessidade (*Anánke*) e Destino (*Heimarméne*),

¹ Aécio, Plac. IV, 11 e 12 – SVF II, 83 e 54; D. Laércio VII, 107-108 – SVF I, 230.

Zeus, Providência (*Prónoia*), Sopro vital (*Pneuma*). São vários os nomes para um mesmo ser, a *phýsis*.²

Marco Aurélio, como todos os estóicos, assumiu esses princípios do Estoicismo Antigo, confirmou as coisas que nos chegam assim devem chegar, partícipes que somos dessa rede necessária. Aceitou que nossos desejos, impulsos e julgamentos são naturais e se dirigem para a preservação própria, por isso devemos agir sempre em conformidade com a totalidade, pois estaremos seguindo nosso próprio ser. Ora, está claro que emerge um ponto de interrogação no dogmatismo físico estóico: ? como agir conforme, se antes devemos interpretar em nós mesmos a *phýsis* para saber exercê-la durante os acontecimentos da vida como convém? Dito em outras palavras: ? como reconhecer na interioridade a universalidade, se não soubermos, *a priori*, o que é a *phýsis*? Querem os estóicos que recebamos os acontecimentos que nos chegam com tranqüilidade, mesmo os mais difíceis, porque são previstos pela natureza. Devemos afirmá-los voluntariamente, o que nos conforma com o Todo. Porém, agir assim é uma expectativa, uma vez que depende da boa interpretação do que nos chega, e não costumamos interpretar bem o que nos chega.

Então, se nossos julgamentos devem seguir a *phýsis*, e se temos o instrumental para bem julgar por doação natural, garantia dada pela *oikeíosis* e *prolépseis*, não há nenhuma dúvida, teremos êxito, somos moralmente perfeitos por princípio. Mas, tal não se dá. Saber de seu pertencimento natural e conhecer as representações primeiras, significa que podemos utilizar, de modo universal, a parte da alma que recebe, conhece e julga as representações, isto é, a parte *dianoética*. Esta estará em consonância com o movimento da *phýsis*, quando reconhecemos o que é melhor para nós mesmos “naturalmente”, quando afirmarmos nosso pertencimento físico-anímico ao Todo, pois estaremos seguindo e cuidando de nosso próprio *oikós*, de nossa “casa”.

Exatamente porque tal não se acontece, há a insistência de Marco Aurélio na *epiméleia*, no cuidado de si. Não basta a *oikeíosis*, o pertencimento à existência universal e a doação das representações. A natureza cuida de nós, e, ao mesmo tempo abre-se o eixo do problema que apontei no início: os paradoxos que nascem da posição estóica quanto à determinação cósmica e escolha de cada um.. Essas perguntas estão pressupostas numa carta que Marco Aurélio, ainda um aprendiz de filósofo, escreveu a seu mestre Fronton ao ler a filosofia de Ariston:³

[...] Os livros de Ariston me presenteiam e ao mesmo tempo me atormentam. Presenteiam na medida em que me ensinam coisas melhores, mas, quando me mostram a

² Há inúmeros fragmentos recolhidos entre os quais cito alguns, cf. Von Arnim (*Stoicorum Veterum Fragmenta*): SVF II, 1132, SVF II, 550, SVF II, 462, SVF I, 112 e 114, SVF I, 537.

³ Cf. citação do sensível intérprete de Marco Aurélio, Pierre Hadot in “La citadelle intérieure”, p. 18 (ed. Fayard, Paris, 1992)

que ponto meu *ingenium* está afastado das coisas melhores, seguidamente teu discípulo se irrita e se enraivece contra si mesmo [...].

Há um núcleo que os dogmas da escola não nos esclarecem só porque os assumimos. Bem sabe a Stoa dogmática que o homem "natural", ao agir segundo desejos, impulsos e decisões vive tantas ocasiões infelizes, sofre tantas amarguras e enfermidades, cria tantos erros de julgamentos que o paradoxo persiste: somos naturais e nos afastamos da nossa natureza, da apropriação de nós mesmos. Então, se o natural é o que deve ser seguido para a felicidade, trata-se de saber que linha secante quebra o círculo perfeito dessa ontologia, ao apontar nossa capacidade de julgar como sendo o núcleo da ação conveniente, ao mesmo tempo em que, mergulhados nas tristezas e enfermidades, não somos felizes. Trata-se de refletir sobre uma imprevista dualidade: a do Eu e a do Mundo, ou, se se prefere, da exterioridade e da interioridade, do universal e do particular.

Ao investigar a felicidade (*eudaimonía*), Marco Aurélio afirma-a como "ter um bom *daímon*", e sendo ele bom nos acompanhará em nossos desejos, impulsos e decisões. Mas considera o filósofo que a felicidade está em fazer o que se deseja segundo a própria natureza (VIII, 1, 16), o que não esclarece muito. Como saber se o que se deseja está ou não em conformidade? se estamos ou não na apropriação de nós mesmos? se cuidamos ou não de nós? Inside o campo da interpretação da vida pelos julgamentos: desejamos e muitas vezes não conseguimos o que queremos, ou não podemos, ou não devemos. Diz o imperador-filósofo que depende de cada um comprazer-se ou não diante da conjunção dos acontecimentos necessários, isto é, do Destino (VII, 54). Estará indicando que estamos frente a uma reflexão que propõe a aceitação resignada do que nos chega como chega? Será essa a famosa *ataraxía* estoíca? a aceitação impassível do sofrimento que leva à inércia, à fuga da afirmação da vida? ou há uma reflexão afirmativa sobre a natureza do homem e seu poder de decisão? Apesar de encontrarmos muitas frases de tom resignativo nos *Pensamentos*, aconselhando a aceitação de certas circunstâncias intransponíveis para nossos desejos e julgamentos, parece-me negativa a resposta estoíca à primeira pergunta - não se trata de uma filosofia resignativa; e afirmativa em relação à Segunda - há uma afirmação da vida exposta no exercício constante dos julgamentos. A filosofia estoíca e, em específico, a de Marco Aurélio, não é a da resignação como em geral se pensa, mas deve ser apreendida em seu conjunto como a afirmação da apropriação de si e do cuidado de si (*oikeiosis* e *epiméleia*).

A meu ver, é demasiado estreito focalizar o repetido "domínio de si" como repressão dos impulsos e desejos, e tentarei mostrar a sutil diferença entre as expressões "domínio de si" e "autarquia", pressupostos da *ataraxía*. Vejamos dois ângulos do pensamento estoíco sobre este assunto, para melhor entender essas colocações: o primeiro, diz respeito à noção de Destino (*Heimarméne*) e à vontade; o segundo, refere-se ao que se nomeia uma teoria triplíce, conforme Pierre Hadot:

a dos impulsos, dos desejos e dos julgamentos que, em virtude desta breve exposição, apresentarei de forma sintética.

2 Do destino e da vontade

Como foi apontado, o Destino determina os acontecimentos, é a rede que une todas as causas.⁴ Se tivéssemos o olhar de Zeus, diz o Pórtico, poderíamos ver este movimento necessário de uma só vez, no instante, mas nosso olhar estreito apanha partes pequenas desta tessitura, fazendo-nos pensar que, o que se apresenta parcialmente é a totalidade. A natureza, sabe o estóico, não obedece ao tempo cronológico, medido, que criamos culturalmente. Como seres naturais estamos primariamente à margem desta temporalidade.⁵ A máxima moral da escola diz: "*homologoúmenos zén*" (viver em conformidade),⁶ regra que é fundamento do bem moral. Aquele que a segue, no dizer de Marco Aurélio é *kalós kai agathós*, é belo e bom (expressão estranhamente traduzida por 'homem de bem'). Para ele, a bela e boa arte de viver (IX, 5), ou seja, ser e agir boa e belamente significa praticar o próprio *lógos* cósmico, buscar o que está em nós naturalmente e confirmar a apropriação e o cuidado de si (*oikeiosis* e *epiméleia*). Como se houvesse uma "divindade interior" que nos guiasse (*daímon*), assim a *phýsis* se nos apresenta. Seguir os *dógmata*, as regras principais da escola, é concordar voluntariamente com o belo e o bem.

Essa interioridade em consonância com o todo aponta que cada homem ao desbruchar-se sobre si mesmo usa da *dynamis diaoetiké* (potência reflexiva) da alma para saber de si e do todo. Por que não se tem a garantia da interpretação correta? Novamente, o paradoxo: temos o poder de negar a *epiméleia* e a *oikeiosis* ao nos distanciarmos de nós mesmos; podemos confundir nossas *prolépseis* (representações), nossas *ennoiai* (noções), o que será o pior dos males. A inserção na *phýsis* não assegura seu acompanhamento, e o afastamento é sempre possível quer nas paixões orgânicas, anímicas e lógicas. Ora, chegamos ao ponto crucial do paradoxo: as paixões, estas perturbações do *tónos* da alma, estes movimentos perturbadores do hegemônico, centro unificador de todas as nossas representações e noções. O *hegemonikón* é um o poder anímico localizado no coração; recolhe, expandindo-se como uma teia, todos os acontecimentos que incidem no corpo e alma de uma só vez, à maneira da teia cósmica: ele se estende e se contrai

⁴ Lembremo-nos que as causas para a Stoa são ditas necessárias e incidentais. As primeiras dizem respeito ao modo próprio de cada ser, e as outras dependem da rede de causas e efeitos dos corpos entre si. O exemplo de Chrysippo é o do cilindro que, por natureza, move-se de certo modo – isto necessariamente diz respeito a seu ser como cilindro –, enquanto que rolar ou não em algum momento e lugar dependerá de uma causa movente nele impressa, mas nunca o cilindro terá um movimento que não lhe seja próprio enquanto cilindro. Cf. SVF II, 159, 34)

⁵ Como nota Pierre Hadot, estudioso do estoicismo, seguir o destino para um estóico é um acordo voluntário consigo mesmo. Note-se que a influência de Heráclito é clara.

⁶ SVF III, 14.

como a respiração, como o *Pneuma*, o sopro cósmico que tudo penetra.⁷ Há notícias que nos dão uma boa idéia a respeito:

[...] a palavra 'sensação' (*aísthesis*), segundo os estoícos, designa o sopro que vai do hegemônico da alma aos sentidos [...]; da mesma forma, os órgãos sensitivos recebem as ondas sonoras do exterior, mas o sopro emitido pelo hegemônico transmitirá essa presença como audição [...]; para Chrysipo, é a substância mesma do hegemônico que se estende através do corpo [...] O hegemônico é no corpo como a providência dos deuses no todo [...].⁸

São as paixões, agora sabemos, que obscurecem e transtornam nossos julgamentos. São elas enfermidades do *lógos*, e para a Stoa o *lógos* é tanto físico, como anímico, como lógico. Mas não são elas previsíveis por natureza? Sim, porém os homens têm o poder *dar valor* às afecções, aos *pathémata*. É o que diz Epicteto, um dos mestres que Marco Aurélio segue de perto, talvez o estoíco que mais guarda o tom de resignação em suas *Diatribes* (III, 10, 6-9):

[...] Mas, o que é filosofar? Não é preparar-se para todos os acidentes (*symbaíonta*)? [...] Eis chegado o momento de suportar a febre, que se a suporte belamente; de sofrer sede e suportá-la belamente, de sofrer fome e suportá-la belamente. Não está em teu poder? quem te impediria? [...] É possível que te impeçam de comer, mas não de suportar a fome belamente [...].

Essa passagem apresenta um pouco do sentido estoíco dado à potência de interpretar e julgar, que explicita a vontade ética como escolha bem deliberada. Parece-me que há uma espécie de "espaço próprio", à margem dos valores históricos, que a Stoa quer enfatizar como se quisesse dizer: a) tudo nos afeta e tudo interpretamos segundo nós mesmos; b) os acontecimentos e nossos *logoi* sobre eles estão sujeitos ao crivo do bem ou mal julgar, em função dos valores que lhes damos dependentes dos nossos estados passionais; c) a *phýsis* deu-nos a capacidade do julgar criterioso e de valorar as próprias ações, porém, nossas construções culturais guardam valores relativos, pois que estão inseridas no tempo cronológico.

Diante desse quadro, nós, modernos dualistas do par corpo-alma, nos esforçamos para compreender a posição 'ligante' do Estoicismo. Tudo o que é, é *lógos*, diz a Stoa, o corpo, a alma, a virtude, os deuses, pois que agem e padecem.⁹ Uma enfermidade é um *páthos* que desequilibra o *lógos*; um *lógos* transtornado pressu-

⁷ O físico, o anímico e o lógico não são separados no estoicismo, questão extensa que não cabe ampliar nesta oportunidade. Cf. tb. meu livro *O ofício do filósofo estoíco: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁸ D. Laertius, VII, 52 e 68; Aetius, Plac. IV, 12; Iamblicus, apud Stobeus in SVF II, 826.

⁹ Sabe-se que o que não age e padece é, para o Pórtico, incorpóreo (*asomatós*) e são quatro: o lugar, o vazio, o tempo e o exprimível. Não é o caso de aprofundar os incorpóreos nesta ocasião.

põe um julgamento errôneo, é um *páthos* de *lógos* indisciplinado; a paixão de alguém por outro é um transtorno do *lógos*. Como noticia Plutarco:¹⁰

[...] eles pensam que a paixão (*páthos*) e o alógico (*álogos*) não são distintos do lógico da alma por qualquer diferença de natureza [...] eles pensam, com efeito, que a paixão é um *lógos* mau e indisciplinado proveniente de um julgamento viciado e falso que encadeia violência e força [...].

Assim sendo, um acontecimento terrível pode derrubar um homem, diz Epicuro (IV, 49, 2-5), mas não será qualquer homem a permanecer sem transtorno diante desse acontecimento, evidenciando com tal afirmação que alguns têm poder sobre os transtornos do *lógos* nos *pathémata*. Essa perspectiva nega, segundo penso, a idéia assentada de os estóicos abolirem as paixões. Se *lógos* e *páthos* não estão separados, o que deve ser abolido são os *pathémata* que venham a transtornar o movimento consoante com a *phýsis*, e nem todos os *pathémata* o fazem, apenas alguns: os que se instalam de modo exacerbado, e é essa a definição de paixão a ser abolida: as que são "pleonásticas" como diz Chrysippo. As paixões têm, portanto, um sentido lato: são afecções, movimentos da alma com os quais vivemos; e um sentido estrito: podem ser afecções exacerbadas, transtornadoras do "seguir a natureza". Escreve Marco Aurélio (VIII, 28):

[...] A dor é um mal seja para o corpo [...] seja para a alma. Mas esta tem o poder de guardar sua serenidade e calma e não opinar que seja um mal. Com efeito, todo julgamento (*krisis*), todo impulso (*hormé*) e todo desejo (*órexis*), todo esforço para, ou aversão, estão dentro e nada aí penetra.

Aparece, aos poucos, a construção da "cidadela interior", expressão feliz de P. Hadot¹¹ indicativa do espaço de poder de cada homem para criar um valor à sua ação, à margem dos valores estabelecidos historicamente. Estes nem sempre devem ser confirmados, mesmo que nos obriguem exteriormente, pois só a *phýsis* é paradigma universal que a todos obriga. Para um estóico, as circunstâncias vividas institucionalmente afastam-se da *phýsis*, envolvidas em valores relativos criados pelos desejos, impulsos e julgamentos transtornados, sem o exercício criterioso da alma para o devido cuidado de si. Quando Marco Aurélio diz que numa batalha o que importa é "ser ou não ser louco" (XI, 38), está marginalizando o significado usual de uma batalha para evidenciar a atitude possível (o valor) que cada um venha a dar a ela. Por isso, um estóico desenvolverá uma *técnica de pensar para bem agir* independentemente da rotina institucional e normativa do tempo cronológico, e assim fez o filósofo-imperador. A Stoa pensa, deste ângulo, o movimento anímico como criador de valores particulares que devem ser, ao mesmo tempo, consoantes com o universo, o que difere dos valores gerais culturais.

¹⁰ 9 in Virt. Mor. SVF III, 459.

¹¹ Cf. ob. citada com este título.

3 A *epiméleia* e os impulsos, desejos, julgamentos

Em IX, 28, 29, Marco Aurélio escreve:

[...] ou o pensamento do todo impulsiona cada coisa – e se assim for, aceita o resultado da impulsão; ou ele não teve, senão, uma iniciativa e todo o resto decorre como consequência [...] Se há um deus, tudo se dá para o melhor. Se tudo é acaso, não caminhes tu mesmo ao acaso [...] A causa do todo é torrente. Tudo carrega.

O imperador filósofo aceita o antigo Pórtico ao apontar a força interna do próprio cosmos como ser vivente, cujo *lógos* divino e imanente desenha a rede do destino à qual todas as coisas se ligam. As forças que incidem em nós expressas em impulsos, desejos e julgamentos, têm sua condição de possibilidade no próprio cosmos. Isto significa dizer que não se espera uma evolução progressiva de nossos impulsos, desejos e decisões para o melhor, para o aprimoramento das ações no tempo, mas, sim, que a presença da *phýsis* é inescapável, o movimento do todo é incessante e pontual e nossos julgamentos pontuais, de modo que a cada instante somos ou não convenientes, éticos, em conformidade com. As consequências dessa postura para o agir correto são relevantes: (a) não há uma tábua de valores a seguir; (b) freqüentemente seguimos tábuas de valores sem que necessariamente nos aprimoremos eticamente; (c) cada momento é único e propício para seguir a *phýsis*, envolvendo nele a escolha; (d) há sempre a possibilidade de errar ou acertar nas decisões, sem que cada erro ou acerto dirijam nosso ser para um progresso ao bem ou ao mal, pois em cada momento de decisão estaremos ou não em conformidade com a natureza (o sinal, em caso afirmativo, é a tranqüilidade da alma que nos chega). Do mesmo modo que o cosmos não progride, pois é em si mesmo completude, também o homem no instante em que se conforma ao cosmos é perfeito, completo, ultrapassa a técnica de julgar e alcança a *epistéme*, expande o cuidado de si. O máximo que se pode pensar quanto ao que usualmente chamamos “aprimoramento moral” está no aprendizado das técnicas para o bem pensar e agir e no usufruto da felicidade do instante, nada mais. Cada momento, cada decisão, cada desejo e impulso atualizados podem ser completos em si mesmos, como é a natureza. Essa é a interioridade estóica, esse é o Eu que, diante do Mundo, estará quase sempre, ou quase nunca, em conformidade cósmica. Não se trata de um Eu separado, um núcleo distanciado do corpo que se objetiva ou se subjetiva em apartado, apesar de aparentes sugestões textuais nessa via, tão fácil de apanhar para nós, cartesianos (será preciso uma outra leitura da *phýsis* – medieval e moderna – para que sejam separados corpo e alma).

A cada vez que o homem se exercita na “arte de viver” – física e animicamente – expressa o *lógos* universal na sua particularidade humana. Ético, portanto, é o agir que valora um acontecimento através do bem julgar. Então, se a ação ética não está em seguir normas e valores historicamente construídos como Bens, há uma razão do por que os estóicos determinam o campo da escolha ética entre os *adiaphoroi* (os indiferentes), que não são nem os conhecidos bens, nem os conhe-

cidos males. Prenunciando em parte a subjetividade moderna, Marco Aurélio ensina nestas sugestivas passagens (II, 2-4 e X, 11):

[...] Tudo o que sou se reduz a isto: a carne (*sarkía*), o sopro (*pneumátion*), o hegemônico (*hegemonikón*). Renuncia aos livros, não te deixes distrair [...] mas, ao perceberes que estás muito enfermo, despreza a carne: ela não é mais que pó, ossos e trama de nervos, veias e artérias. Eis, ainda, o que é o sopro: vento, nem sempre o mesmo, pois a cada instante rejeita-o para inspirar outra vez. Resta, então [...] o hegemônico [...] não permitas que ele se escravize, que obedeça, como marionete, aos impulsos não comuns (*akoinoneton*) [...] Como todas as coisas se transformam umas nas outras, adquire um método teórico: aplica-te nele constantemente e exercita-te bem nesse ponto, pois nada é capaz de produzir no homem maior sabedoria (*megalphrosýnes*) [...].

Nessa disposição há uma disciplina interior, um caminho para decidir sobre as coisas que acontecem e sobre as dores e vicissitudes que nos abatem. Os impulsos, os desejos e os julgamentos não são abolidos, mas equacionados, numa espécie de "parada" da temporalidade cronológica e de um redobro sobre si mesmo, num movimento lógico interior. O resultado prático, nos discursos e nas ações, pode aparentar resignação, mas, como podemos ler em inúmeras passagens dos *Pensamentos*, há bem mais uma afirmação contínua e severa do poder de interpretar as circunstâncias e de criar julgamentos de valor dentro do campo dos Indiferentes, o campo propriamente ético. A filosofia da resignação, aparente ao meu ver, é a exposição de uma silhueta discursiva resultativa, vale dizer, é bem mais a visão do efeito de um árduo e silencioso trabalho da invisível interioridade, esta sim, a causa. Os efeitos emergem, as causas criam na "cidadela interior".

Assim sendo, parece evidente a desconfiança estoíca no estatuto do discurso oral ou escrito: ele é limitado, aponta caminhos, aconselha através de exemplos, ensina sobre situações, mas é causa accidental para o exercício do bem julgar. A experiência de cada um na arte de viver é única, e é o fundamento para o bom trajeto universal – no que pese haver uma clara abertura pedagógica no discurso. Ora, faz parte dessa arte de viver o conhecimento das paixões que perturbam os julgamentos e desejos, então, será preciso nomeá-las, catalogá-las para serem reconhecidas e julgadas quando chegam, mesmo que o modo de recebê-las e tratar delas seja matéria para cada interioridade.

O caminho da serenidade nas decisões é o meio de estar em conformidade com o todo, de adentrar *en koinonía* com a natureza. Este é o supremo bem e beleza a escolher, a atingir nos instantes da vida, dependentemente da arte ou técnica de viver. É este, exatamente, o significado de *epiméleia*, do cuidado de si. Nada existe de mais correto que cuidar de si mesmo no sentido que lhe deu a Stoa, sem a espera de prêmios ao final de um caminho que costumeiramente imaginamos ascendente, imagem que sugere outra temporalidade à margem daquela pontual, do instante, propriamente estoíca.

Marco Aurélio, como Epicteto, sustenta a idéia de Chrysipo de que as consequências de uma ação são ocultas para nós (Epicteto, II, 6, 9), pois se o futuro não existe, se o passado deixou de existir, só as lembranças auxiliam uma técnica para o aprender a viver, porém nunca a boa escolha dependerá diretamente do passado, um tempo medido. Marco Aurélio – e não só ele – cria uma “terapia preventiva”, ou “cláusula de reserva”, tradução preferida dos comentadores para o termo *hypexáiresis* (*exceptio* em latim), que ele usa, bem como Sêneca e Epicteto.¹² Vale a pena esclarecer o sentido deste termo: *hypexáiresis* é uma ação preventiva, uma postura de cuidadoso distanciamento frente a certas circunstâncias difíceis e previsíveis ao ser humano; estas poderão ou não acontecer para cada um de nós, mas estaremos, ao prevê-las, preparando-nos para o exercício do julgar sem transtornos na hora em que isso for necessário. É uma astúcia, uma espécie de estratégia interior. Significa que, quando decidimos com cuidado, e mesmo assim algo ocorre que nos impele a mudar nossa decisão, que não a mudemos devido ao novo fato se, anteriormente, já havíamos deliberado criteriosamente, amparados pelo hegemônico. Explicita Marco Aurélio (livro X):

[...] [os homens] podem impedir algo de minha atividade (*enérgéias*), porém minhas disposições (*diasthéseos*) e impulsos (*hormés*) não conhecem entraves, graças ao meu agir com reserva (*hypexáiresin*) e meu revolver a mim mesmo (*peritropén*). Com efeito, o pensamento (*diánoia*) revolve-se e desloca, para o fim que o guia, todo entrave à sua atividade [...].

Esta passagem, além de mostrar certos meandros da arte de viver fundada na reflexão, indica a atitude afirmativa do filósofo, sua autarquia como domínio de si no sentido que apontei antes, qual seja: não se trata da repressão pura e simples aos impulsos, desejos e julgamentos, mas da “racionalização” de suas incidências. Autarquia, afinal, significa ter seus próprios princípios, e da autarquia depreende-se a *ataraxía*, a tranqüilidade da alma diante das intempéries da vida que podem ser, em parte, previstas. Ataráxica é a alma que, em serenidade lógica, sabe de si, apropria-se de si, cuida de si seguindo seus próprios comandos. Não me parece que “o cuidado de si” (*epiméleia*) indique a repressão dos desejos, impulsos e julgamentos diante de normas externas impeditivas. Há que haver, isto sim, o movimento próprio da interioridade para a consonância com o cosmos. Guardemo-nos de, com rapidez, inserir um estoíco em outra estrutura dogmática que não lhe concerne. Diz o filósofo (VIII, 36):

[...] Não te perturbes pela representação (*phantasia*) de toda tua vida; não abrace em pensamento as grandes e inumeráveis provas que te sobrevirão, provavelmente; mas a cada prova presente pergunta: ‘que há aí de insuportável e intolerável?’ [...] Lembra-te de que não é o futuro nem o passado que te abalam, mas sempre o presente. Este se

¹² Cf. comentário de P. Hadot, ob. cit. p. 209 (M. Aurélio, IV, 1, 2; V, 20, 2; VI, 50, 2. Sêneca, “Tranqüilidade da alma”, XIII, 22-3.

repete ao infinito se tu o circunscreves e se convences de erro teu pensamento, quando ele se crê incapaz de afrontá-lo (ao presente) isoladamente [...].

A falta da "técnica para bem viver" pressupõe desvios na condução do *lógos*, o que nada mais é que o descuido de si, o afastamento da *hypexáiresis*, da nossa capacidade de prevenir, de nosso prometeico poder. A injustiça (*adikía*), que é esse desvio, não ocorre só na ação mas também na omissão, afirma Marco Aurélio (IX, 5), explicitando claramente o quanto há de invisível nos móveis de nossas ações. Não é fácil nos autodenominarmos éticos. Para ele, as coisas são inocentes nelas mesmas e os valores que lhes damos a elas aderem (IV, 3, V, 19, VI, 52), o que significa dizer, segundo P. Hadot que

[...] a relação entre a coisa e a representação, sendo uma relação de causa-efeito, faz parte do encadeamento necessário do Destino. Portanto, o choque movimentará o discurso interior do princípio diretor não é, para o princípio diretor, senão ocasião para desenvolver seu discurso interior, e este discurso interior permanece inteiramente livre [...].¹³

Nada contra, desse modo, os impulsos, desejos, julgamentos em si mesmos, é preciso firmar uma vez mais. O cuidado de si está em saber que os acontecimentos que nos chegam e potencializam nossas ações devem ser desnudados das roupagens que a historicidade neles colocou, quando decidimos. Disseram os antigos estóicos que as Parcas – Clotos (Fiandeira), Láchesis (Distribuidora), Átropos (Inflexível) – são a quem devemos nos abandonar, pois "sabem elas da tua natureza" (IV, 26 e 34 e SVF II, 914). Entretanto, o que cabe a cada um nessa partilha vem acompanhado de incerteza, envolto nos valores que damos aos acontecimentos, e estes costumam ser interpretados em afastamento da natureza. Estamos diante do nó de górdio da Ética estóica que analiso brevemente a seguir, concluindo minha exposição.

4 A liberdade como potencialidade

Dado que a alma é *phýsis* em todas as suas partes; dado que guarda o modo de ser lógico-normativo universal, como pode o homem criar valores violentamente dissonantes desta *phýsis*, de modo a tornar necessária uma profunda reflexão para desnudar as coisas vestidas com valores ocultadores do seu próprio ser? Não basta dizer que a historicidade os vestiu e que o movimento da alma em *homologia* poderá desocultá-los na ascese reflexiva, no cuidado de si. Como fazê-lo? Por que o homem pôde retirar a inocência das coisas, inserir a temporalidade medida, criar valores em desacordo com o todo numa espécie de traição ao *lógos*? Evidentemente, Marco Aurélio não responde a tal questão, mas podemos recolher suges-

¹³ ob. citada, p 123-124. id., in Marco Aurélio, VIII, 47.

tões nos seus textos. Seu mestre Sêneca já havia dito, nas Cartas a Lucilius (107, 2) que:

Passa-se na vida exatamente o que se passa nos banhos, no meio da multidão, numa estrada [...]. A vida não é coisa que convém aos delicados [...].

No *De Ira*, ele mantém o tom crítico da Stoa quanto aos valores estabelecidos, ao sugerir que sua fundamentação está no transtorno do *lógos*, nas paixões, e em tal grau que este mesmo *lógos* se torna impotente para se autocombater.¹⁴ Percebemos algo insistente nos vazios que permeiam as palavras estoicas: é a crítica feroz à sociedade em que se vive, e é digno de nota que tal ocorra também a um imperador. Lembremos de Zenão de Cítium, o fundador da Stoa: ele já negara, com veemência, os valores de sua época ao propor uma *politéia* sabidamente inviável, baseada em duas figuras lógico-paradigmáticas opostas: o sábio com todas as virtudes e cidadão modelar, e o insensato com todos os males e sem possibilidade de cidadania. As virtudes do primeiro ressoam com sinal negativo no segundo. Figuras diametralmente opostas, Zenão constrói com elas sua crítica à cidade do século II a.C., uma vez que o cidadão perfeito é a imagem do que o cidadão histórico não é. Essa mesma simetria está no texto de Marco Aurélio, porém sem referências a uma Cosmópolis. Está na "cidadela interior" construída dentro de cada um, quando reflete e vive segundo a máxima moral estoica e exercita a técnica discursiva para persuasão de si mesmo, ou de um discípulo.

Portanto, mais do que transformar leis e valores vigentes, o estoico quer criar um novo homem transformado desde dentro. Se uma cidade pode vir a ser edificada com a existência desse novo homem, então, ela será necessariamente diferente das conhecidas. O que subjaz como interrogação, e até mesmo como perplexidade, é a exposição da abertura ou força humana em criar valores contra a *phýsis*, ao mesmo tempo em que é essa mesma abertura que permite ao estoico seguir o cosmos quando julga bem. Em outras palavras, há duas faces nessa abertura – que podemos chamar de liberdade – ao interpretar os acontecimentos: (a) essa liberdade diante do que ocorre pode atualizar-se em meio à falta de bom *arithmos*, o que se dá pela via das paixões, então, a alma julgará mal e criará valores dissonantes em relação ao todo; (b) essa mesma liberdade pode atualizar-se segundo o vir a ser cósmico, e seu movimento implicará na criação de valores corretos.

Ora, de "a" é possível inferir que a potencialidade não está ausente do cosmos, como afirmado anteriormente quanto ao Destino, com amparo nos textos. A *Heimarméne*, a rede causal necessária, 'extravasaria' algo dela mesma não previ-

¹⁴ Janine Fillion-Lahille, na obra *Le De ira de Sénèque...* (ed. Klincksieck, Paris, 1984) comenta, à p. 43: "Ora, paixão e razão não são faculdades distintas: não são mais que codificações do espírito em bem ou em mal... Chrysippo mesmo, por uma comparação, mostrou a impossibilidade de tratar a paixão em plena crise: ela é como o abscesso doloroso que o médico não pode tocar..."

sível e não controlável? Poderia existir o não necessário, além do dogma? ou seria previsível e controlável o que aparentemente lemos como desconexo em relação à rede causal, sendo, na verdade, previsível e controlável da perspectiva cósmica, mesmo que não o saibamos? é esse o caso das paixões? Qualquer que seja a resposta, não mudaria a atitude estoíca diante das coisas que chegam, como chegam. Isso foi visto no texto já citado de Marco Aurélio quanto à possibilidade de o cosmos comportar o acaso (IX, 28-29) e de buscarmos o correto segundo nosso *lógos*, na contramão do acaso. No entanto, é preciso marcar que os estoícos sabem que não sabem sobre todas as consequências de seus atos. Afinal, como dizia o Pórtico, uma gota de vinho mistura-se a todo oceano. Que saber de uma ação que nos ultrapassa? Como prever o minicosmos que somos e nossas particularidades? Nesse caso, exatamente porque não sei sobre a rede causal em toda sua extensão, por isso devo agir de modo a confirmá-la, tema retomado em parte por J-P Sartre quanto à responsabilidade existencial. A liberdade para a escolha correta estaria sempre salva, sem que no entanto fosse explicada a potencialidade para os males, somente o porquê de não se confirmar todos os valores vividos.

O que mais importa para um estoíco é o ângulo da *therapéia*, da cura da alma através do cuidado de si. Mais que ampliar os debates entre *logoi*, a Stoa visa o homem e sua transformação, busca a cura da alma que reside no encontro com sua essência. Esta essência, como se sabe, é particular e universal, e serão necessários muitos séculos para que "a cura da alma" viesse a acomodar-se nos limites impostos, na modernidade à *psyché* científica. -

Procurando concluir, pode-se afirmar que a completude humana é possível a cada momento em que se assume a própria divindade dentro de si, tornando-se, por instantes, o próprio divino enquanto ato puro, *enérgeia*. Trata-se, primeiramente, de ser e agir como causa necessária e primeira de si mesmo, e não como causa acessória ou acidental. Esta última expressa-se na formação do discípulo que, nesse sentido, é formação secundária apesar de imprescindível. Parece ser essa a pretensão estoíca diante da leitura que faz da essência humana. Não podendo o homem ser sempre perfeito, mesmo tendo o perfeito dentro de si, procurará viver a perfeição quando lhe for possível, de modo pontual. Onde as cores da resignação? O tempo dos deuses é, ao menos parcialmente, o tempo para os homens que vivem segundo a *phýsis*, no momento em que assim vivem. Finalizo a exposição com uma citação de Marco Aurélio (X, 33, 4):

Inteligência (*noûs*) e pensamento (*lógos*) podem atravessar tudo o que os detém, segundo sua aptidão natural como finalidade. Não percas dos olhos esse poder pelo qual o pensamento atravessa tudo como o fogo que se eleva, a pedra que cai, a roda que desliza sobre um plano inclinado [...].